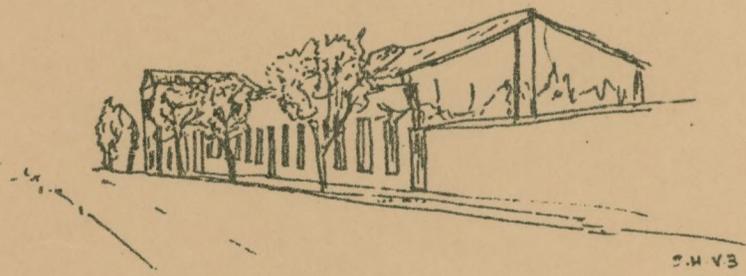


CMP 2.1.6.151

ARQUITETURA EM TAIPA
um dos últimos exemplares
em
INDAIATUBA



D E S E N H O S

J H V B *Jorge Humberto Valenzuela Bolivar*

N G J *Nilton Cortijos Jaguaribe*

P L *Perci Lau, em "Arraial do Tijuco
Cidade Diamantina".*

D P H
S M C SP *Departamento do Patrimônio Histó-
rico - Secretaria Municipal da Cultu-
ra de SP, seg. M. Amélia S. Lourei-
ro em "Evolução da Casa Paulistana"*

ARQUITETURA EM TAIPA

um dos últimos exemplares
em

INDAIATUBA (*)

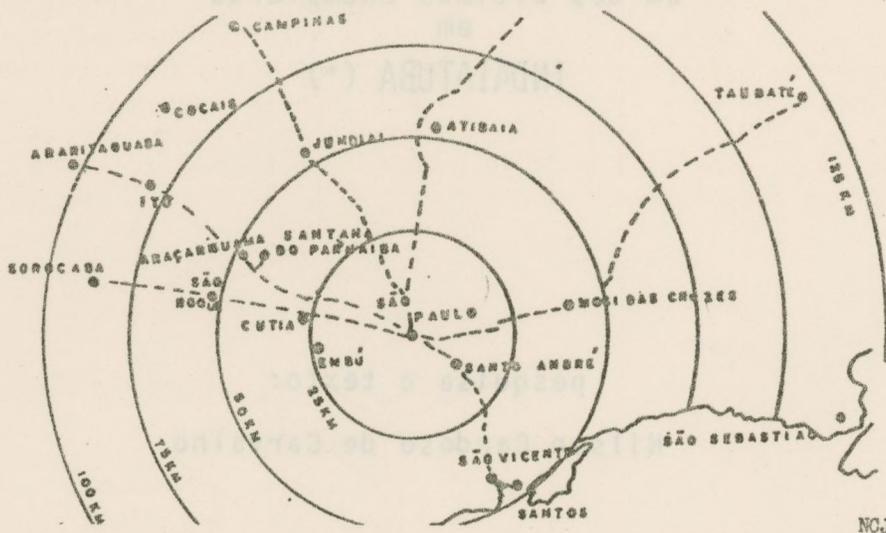
pesquisa e texto:

Nilson Cardoso de Carvalho

(*) Mesmo título de um audiviosual,
em preparo, com fotos de Antonio
da Cunha Penna e sonorização
narração de Renato Carramenha.

O QUE É A TAIPA DE PILÃO

A chamada taipa de pilão é um processo antigo de construção usado já pelos jesuítas nas primeiras construções de São Paulo, sendo de taipa o antigo Colégio. Com a migração dos primeiros habitantes de Piratininga, fundando povoações vizinhas, estes núcleos primitivos tinham como característica comum suas igrejas e seu casario construídos em taipa. São exemplos destes núcleos: Mogi das Cruzes, Embu, Taubaté, São Roque, Sorocaba, Jundiá, Santana do Parnaíba, Itu, Atibaia e outros.

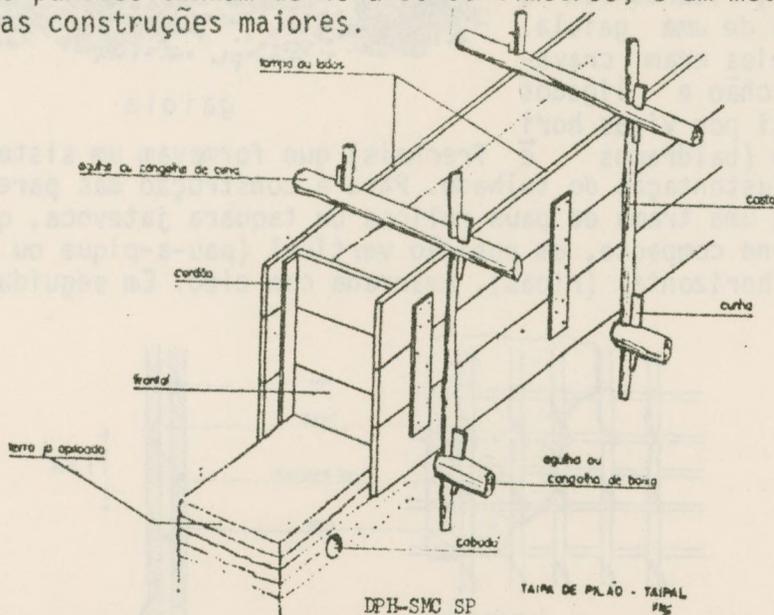


Os bandeirantes do ciclo da caça ao índio e os do ciclo do ouro levaram a taipa de pilão para Mato Grosso e Goiás. Em Minas Gerais, o processo não deu resultado devido à inclinação dos terrenos montanhosos, nos quais as enxurradas provocavam a erosão das paredes de taipa. Os Mineiros inventaram, então, a técnica da taipa de mão, ou, pau-a-pique, introduzida por eles em São Paulo, quando para cá migraram, ao final do ciclo do ouro. A técnica da taipa de pilão era muito simples e resistente quando bem construída, encontrando-se, ainda, exemplares deste tipo de edificação com mais de duzentos anos. A mão de obra empregada era o braço escravo, índio ou negro, e perdurou até o final do ciclo da cana de açúcar, em São Paulo, em meados do século dezenove. Com o início do ciclo do café, e a vinda da

mão de obra européia, seus mestres de obra trouxeram o uso do tijolo queimado que, embora já conhecido, só foi utilizado a partir de então.

COMO ERA FEITA A TAIPA DE PILÃO

As paredes da taipa de pilão eram levantadas de alicerces com 50 centímetros de profundidade. Dentro de uma forma de tábuas móveis, de formato retangular colocava-se barro feito com terra peneirada e água, juntando-se em seguida, fibras vegetais, sangue de gado, crina de animais e estrume de gado. So cava-se então com os pés ou com pilão, até se obter uma compactaçã bem firme. Cada forma tinha, em média, 40 centímetros de altura, que depois de socada, passava a 20 centímetros, aproximadamente. Estas camadas eram feitas ao mesmo tempo em todo o perímetro da obra para dar uma resistência homogênea às paredes, tal como se faz hoje com o concreto. Nas construções comuns as paredes tinham de 40 a 80 centímetros, e um metro ou mais nas construções maiores.

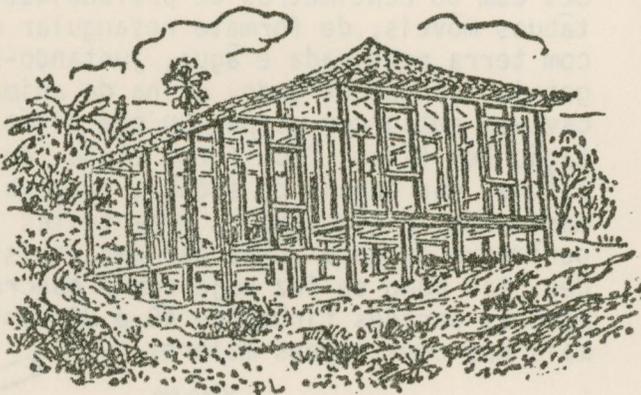


Para a proteção contra a chuva - o maior inimigo das paredes de taipa - o local escolhido era sempre um terreno plano, evitando-se assim as enxurradas. Os beirais eram largos para evitar que a água da chuva umedecesse as paredes. Não se conhecia o uso da calha.

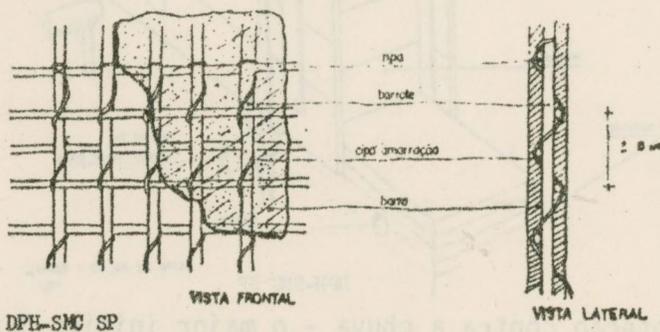
O aspecto da construção era retangular, com o pé direito alto e o telhado, feito de duas ou quatro águas, coberto com telha canal.

O QUE É E COMO SE FAZIA A TAIPA DE MÃO OU PAU-A-PIQUE

Como já foi mencionado, para os terrenos em declive, foi criado o sistema de taipa de mão ou pau-a-pique, utilizado na Capitania de S. Paulo ao final do ciclo do ouro. Era um trabalho essencialmente de carpintaria, pois a casa era primeiramente armada em madeira, ficando com o aspecto de uma gaiola. Os esteios eram cravados no chão e ligados entre si por vigas horizontais (baldrames e frechais) que formavam um sistema rígido de sustentação do telhado. Para a construção das paredes era montada uma trama de paus roliços ou taquara jatevoca, que possui cerne compacto, em posição vertical (pau-a-pique ou barrotes) e horizontal (ripas), amarrada com cipo. Em seguida ati-



gaiola



DPE-SMC SP

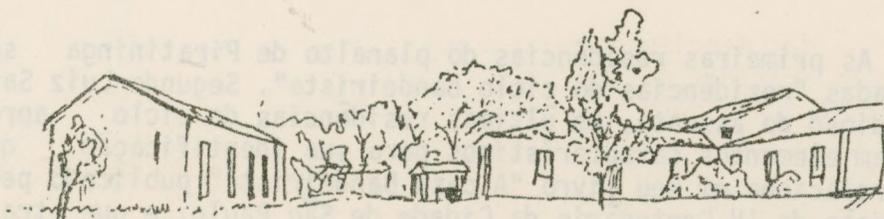
VISTA FRONTAL

VISTA LATERAL

taipa de mão ou pau-a-pique

rava-se barro ao mesmo tempo do lado de dentro e de fora da trama, o que requeria o trabalho de duas pessoas.

O CASARÃO DA FAZENDA PAU PRETO E SUA ARQUITETURA



Com frente para a Rua Pedro Gonçalves, com uma área construída de 552,60 m², está situado sobre um terreno retangular de 9,810 m² "Existe ainda um barracão de 124,80 m² de área construída, muro de fecho e um bosque de árvores"

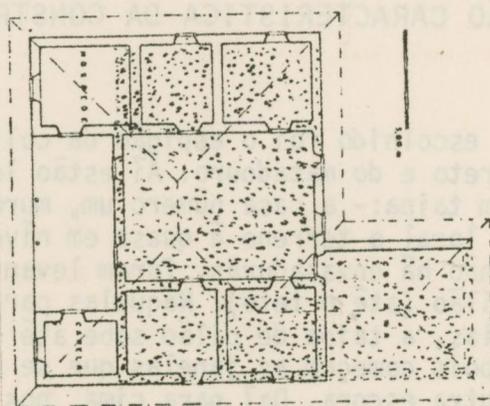
EDIFICAÇÃO CARACTERÍSTICA DA CONSTRUÇÃO EM TAIPA

O local escolhido foi o espigão da colina entre os ribeiros do Pau Preto e do matadouro. Aí estão localizadas outras construções em taipa: - a casa número um, muros remanescentes e a Matriz. Nesse local o terreno é quase em nível. As paredes do casarão, onde não há envasaduras, foram levantadas inteiramente em taipa de pilão (até o teto). Naquelas paredes onde se abrem portas e janelas, a taipa de pilão sobe até cerca de oitenta centímetros e depois começam as janelas que se apoiam sobre a taipa sem nenhuma outra escora. Daí para cima, nos cheios entre as janelas e portas, e acima delas, foi utilizada a taipa de mão. Os elementos fundamentais aí estão presentes: pé direito alto, aspecto retangular, corpo principal de 35 x 10 metros e telhado, em telha canal, avançando em beiral largo.

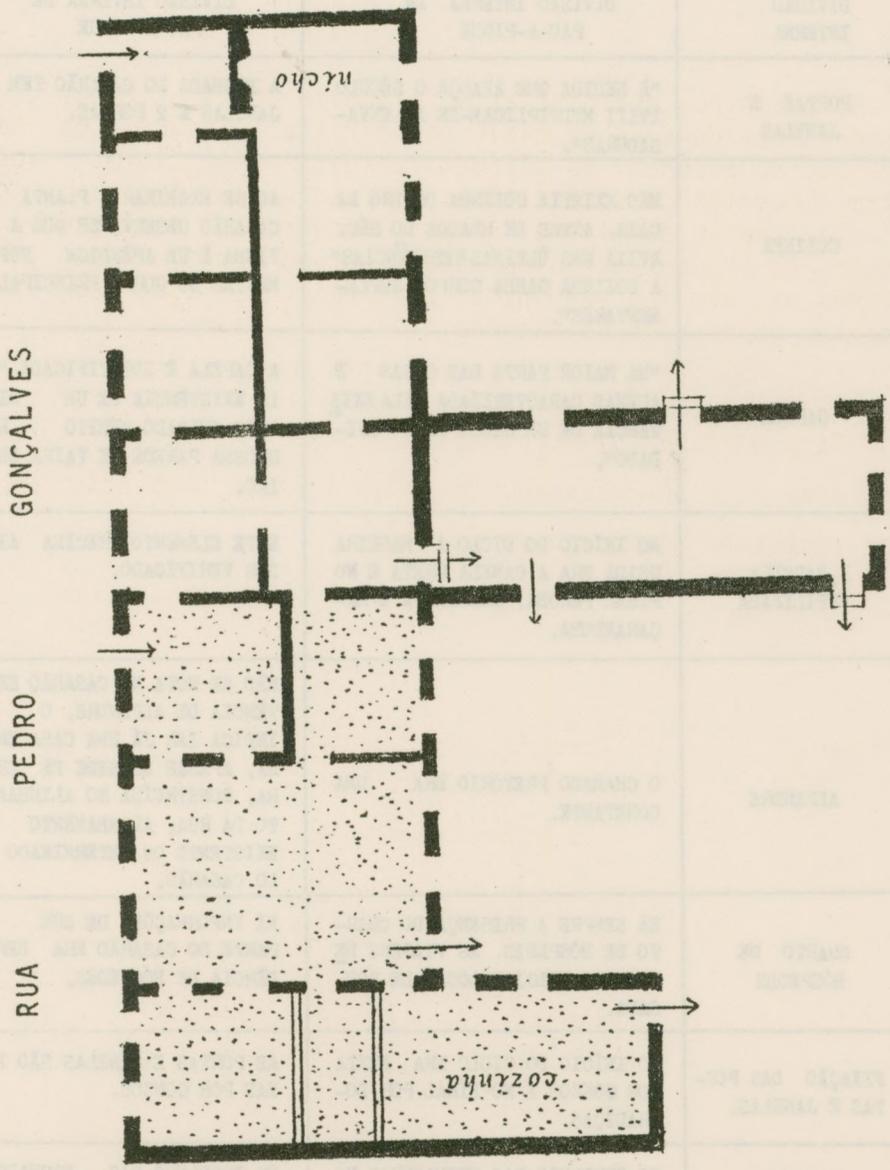
APRESENTA CARACTERÍSTICAS DAS "RESIDÊNCIAS DO CICLO BANDEIRISTA"

As primeiras residências do planalto de Piratininga são chamadas "residências do ciclo bandeirista". Segundo Luiz Saia estudioso do assunto, as últimas residências do ciclo apresentam elementos característicos para sua identificação que ele relaciona em seu livro "A casa Bandeirista" publicado pela Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, e que transcrevemos nas páginas seguintes, para uma comparação com tais elementos observados no casarão.

"Casa do Calu" Itapecerica da Serra, citada por Luiz Saia, como casa bandeirista. Comparar a parte sombreada com a parte sombreada na planta do Casarão.



CASA DO CALU
ITAPECERICA DA SERRA



CASARÃO DA FAZ, PAU PRETO 1:200

ELEMENTO CARACTERÍSTICO	ÚLTIMAS RESIDÊNCIAS DO CICLO BANDEIRISTA.	CASARÃO DA FAZENDA PAU-PRETO
DIVISÃO INTERNA	DIVISÃO INTERNA DE PAU-A-PIQUE	DIVISÃO INTERNA DE PAU-A-PIQUE
PORTAS E JANELAS	"À MEDIDA QUE AVANÇA O SÉCULO XVIII MULTIPLICAM-SE AS ENVA- SADURAS".	A FACHADA DO CASARÃO TEM 12 JANELAS E 2 PORTAS.
COZINHA	NÃO EXISTIA COZINHA DENTRO DA CASA, ANTES DE MEADOS DO SÉC. XVIII NAS ÚLTIMAS RESIDÊNCIAS" A COZINHA GANHA CORPOS SUPLE- MENTARES".	AO SE EXAMINAR A PLANTA DO CASARÃO OBSERVA-SE QUE A CO- ZINHA É UM APÊNDICE SUPLE- MENTAR DO CORPO PRINCIPAL.
CAPELA	"NA MAIOR PARTE DAS CASAS É APENAS CARACTERIZADA PELA EXIS- TÊNCIA DE UM NICHOS MAIS CUI- DADO".	A CAPELA É IDENTIFICADA "PE- LA EXISTÊNCIA DE UM NICHOS MAIS CUIDADO "FEITO NUMA GROSSA PAREDE DE TAIPA DE PI- LÃO.
MADEIRA UTILIZADA	NO INÍCIO DO CICLO A MADEIRA USADA ERA A CANELA PRETA E NO FINAL PEROBA, ARINDIUA E MA- ÇARANDUBA.	ESTE ELEMENTO PRECISA AINDA SER VERIFICADO.
ALPENDRE	O CHAMADO PRETÓRIO ERA UMA CONSTANTE.	NÃO SE NOTA NO CASARÃO EXIS- TÊNCIA DE ALPENDRE, O QUE INDICA SER JÁ UMA CASA URBANA, APESAR DE SEDE DE CHÁCARA, CONSTRUÍDA NO ALINHAMENTO DA RUA, ALINHAMENTO JÁ EXISTENTE OU DETERMINADO PELO CASARÃO.
QUARTO DE HÓSPEDES	HÁ SEMPRE A PRESENÇA DO QUAR- TO DE HÓSPEDES. AS VIAGENS DE MORADAS EXIGIAM LOCAL DE POU- SADA.	HÁ INFORMAÇÕES DE QUE UMA PARTE DO CASARÃO ERA DEPEND- ÊNCIA DE HÓSPEDES.
FIXAÇÃO DAS POR- TAS E JANELAS.	NO INÍCIO DO CICLO ERA FEITA POR GONZOS E NO FINAL POR DO- BRADIÇAS.	AS PORTAS E JANELAS SÃO FIXA- DAS POR GONZOS.
ESPELHOS DAS FECHADURAS	OS ESPELHOS DAS FECHADURAS NO FINAL DO CICLO TÊM UM DESENHO MAIS REBUSCADO, OS ANTERIORES ERAM MAIS RÚSTICOS.	OS ESPELHOS DAS FECHADURAS DO CASARÃO TÊM UM FORMATO MAIS SIMPLES, SEGUNDO INFOR- MAÇÕES.

As últimas residências do ciclo são de meados do século dezoito, sendo portanto a data de construção um dado fundamental para a caracterização completa do Casarão como "residência do ciclo bandeirista".

O CASARÃO E SUA HISTÓRIA

A CONSTRUÇÃO DO CASARÃO É DA ÉPOCA DE D. JOÃO VI.

Foi construído no início do século dezanove, entre 1810 e 1820, em pleno ciclo da cana de açúcar na Capitania de São Paulo, tendo, portanto, cerca de 170 anos. O casarão é contemporâneo da igreja Matriz que teve início - sua construção - em 1807. Ele era sede de uma chácara, com área de 15 alqueires aproximadamente. Era propriedade, não dos donos da Fazenda Pau Preto, mas sim, de um padre, ou da Igreja. Era a residência do Pároco, que ali mantinha seus animais, necessários para sua condução aos locais, às vezes distantes, para atendimento de seus paroquianos. Embora não haja confirmação, há indício de que ali tenha residido o Padre Antonio Casimiro da Costa Roriz, notável pregador sacro, Pároco de Indaiatuba, muito solicitado para pregar em festividades religiosas, nas vilas da redondeza e, principalmente, em Campinas, onde era muito estimado. Foi o Padre Casimiro Roriz quem rezou o Te Deum solene da elevação de Indaiatuba à Município em 1.859. Arruda Camargo, em suas reminiscências sobre Indaiatuba, diz que "aqui viveu e paroquiou durante muitos anos, fazendo também, metido nuns calções de baeta vermelha, os serviços mais rudes de sua grande chácara".

JOAQUIM EMÍDIO DE CAMPOS BICUDO E A CONSTRUÇÃO DA PARTE DE TIJOLO À VISTA - JÁ DEMOLIDA.

Na segunda metade do século dezanove, o Capitão da Guarda Nacional José Manoel da Fonseca Leite, abastado proprietário de terras em Indaiatuba, por ocasião do casamento de sua filha Escolástica Angelina Fonseca com Joaquim Emídio de Campos Bicudo, dá a Fazenda Pau Preto como dote. A Fazenda, que tinha suas divisas além do Ribeirão do Pau Preto, estava em

plena decadência com suas terras em abandono (final do ciclo da cana). Joaquim Emídio iniciou a cultura de café na Fazenda com amplo sucesso. Foi entre os anos de 1860 e 1870 que adquiriu do Padre, ou da Igreja, o Casarão, com a área de terras de cerca de 15 alqueires, incorporando-a à área da Fazenda Pau Preto. O Casarão, nesta época, já era velho. Construiu então a parte mais nova do conjunto, de tijolo à vista, recém demolida. Joaquim Emídio montou ali a primeira "machina" de beneficiar café do Município de Indaiatuba. Como estas máquinas eram importadas, presume-se que tenha vindo junto com ela, a planta do local onde seria instalada, daí o aspecto britânico do prédio, que tão bem representava os vestígios do ciclo do café na arquitetura de Indaiatuba. Essa construção era totalmente separada do casarão, mas se harmonizava com ele, esteticamente, de maneira notável. Nesta época e até a algumas décadas recentes, a Rua Pedro Gonçalves terminava em frente ao portão do Casarão, no início da Rua Dom José, sendo, daí para frente, o terreiro de café de Joaquim Emídio de Campos Bicudo.

O CASARÃO É PROPRIEDADE DA FAMÍLIA BICUDO HÁ MAIS DE 100 ANOS

O casarão é propriedade da família Bicudo há mais de cem anos e é elogiável a maneira como o conservaram até nossos dias com o mínimo de interferência em suas características. Os sucessivos membros da Família Bicudo, proprietários do Casarão, tem a seguinte sequência: Joaquim Emídio de Campos Bicudo e Escolástica Angelina Fonseca; herdeiros: João da Fonseca Bicudo e D. Maria José Ferraz. Destes para D. Regina Bicudo do Valle e Dr. Raul do Valle. Falecendo Dr. Raul, coube, por partilha, ao casal Ruth Bicudo do Valle e seu Marido Fábio Eduardo Kok de São Miranda. O Dr. Raul do Valle tendo vindo de São Paulo para Indaiatuba, residiu no Casarão, com sua Família, nos últimos anos de sua vida, tendo aí feito algumas modificações, como construção de banheiros etc.

A IMINÊNCIA DA DEMOLIÇÃO

No início de 1982, os atuais proprietários puseram à venda, loteada, a área de 9810m², onde se situa o Casarão e, inclusive, o local onde ele está edificado. Na iminência de ser demolido, organizou-se na Cidade um movimento pela sua preservação.

ção, iniciado por Sérgio Squilante. Passeatas, reuniões, protestos pela imprensa, inclusive pela televisão, resultaram no decreto 2.394 de 20 de abril de 1982 do Prefeito Clain Ferrari declarando de Utilidade Pública, a fim de ser adquirido, mediante desapropriação, o Casarão e sua área de terreno de 9.810 m², para "instalação de museu histórico, centro cultural e parque de lazer". Este decreto, entretanto, foi revogado em 14 de dezembro de 1982, pelo Prefeito Clain Ferrari através do decreto 2.571. Em 24 de fevereiro de 1983, o novo Prefeito José Carlos Tonin, pelo decreto 2.615, novamente "Declara de Utilidade Pública" o Casarão, só que, agora, a área considerada, ao invés de 9.810 m², tem 4500,9 m², sendo que o "imóvel declarado de Utilidade Pública destina-se à instalação de museu histórico, centro cultural e parque de lazer".

NÚMERO	DATA	DECRETO MUNICIPAL	FINALIDADE	PREFEITO
2 394	20.04.82	DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA A FIM DE SER ADQUIRIDO MEDIANTE DESAPROPRIAÇÃO, O CASARÃO E ÁREA DE 9810 m ² .	INSTALAÇÃO DE MUSEU HISTÓRICO, CENTRO CULTURAL E PARQUE DE LAZER.	Clain Ferrari
2 571	14.12.82	REVOGA O DECRETO ANTERIOR		Clain Ferrari
2 615	24.02.83	DECLARA DE UTILIDADE PÚBLICA A FIM DE SER ADQUIRIDO MEDIANTE DESAPROPRIAÇÃO, O CASARÃO E ÁREA DE 4500,90 m ² .	INSTALAÇÃO DE MUSEU HISTÓRICO, CENTRO CULTURAL E PARQUE DE LAZER.	J. Carlos Tonin

O CASARÃO ESTÁ SE DETERIORANDO COM AS CHUVAS E PRECISA SER SOCORRIDO COM URGÊNCIA

Desde o decreto do Prefeito José Carlos Tonin, em 24 de fevereiro de 1983, há mais de um ano, o casarão está sem o mínimo de cuidado e proteção. A cada dia que passa observa-se a sua deterioração sem que nada tenha sido feito para sua proteção contra as chuvas - seu principal inimigo - tendo, neste período, se observado a queda de paredes de pau-a-pique e seu destelhamento.

NÃO É APENAS UMA "VELHARIA" MAS UM TESTEMUNHO CONCRETO DA HISTÓRIA E DA ARQUITETURA DE INDAIATUBA

Localizado no ponto de origem do pequeno povoado, o Casarão assistiu a sua história, desde o pequeno aglomerado de moradores, até a próspera Cidade Industrial que é hoje Indaiatuba, sendo lamentável, assistirmos a sua deterioração, ou demolição, sem que a população saiba que o Casarão não é apenas uma "velharia" - mas um testemunho concreto da história e da arquitetura da Cidade.

Indaiatuba, 20 de Abril de 1984

INSTITUTO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO
RUA PADRE ANCHIETA, 484
C. P. 291 - TEL. (0192) 75.4499
CEP 13.330 - INDAIATUBA - SP

BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA CAMARGO, Manoel de "Reminiscências à propósito do primeiro centenário de Indaiatuba" - Inst. Ana Rosa 1931
- GROFF, Maria Angélica "Pesquisa Sôcio Econômica do Município de Indaiatuba, 1963.
- BICUDO DO VALLE, José Luiz, Depoimento em 4/1984
- SAIA, Luiz, "Casa Bandeirista", Editado pela Comissão do IV Centenário SP-1955.
- SALGADO LOUREIRO, Maria Amélia "Evolução da Casa Paulistana" Vozd'Oeste, SP 1.981.



**BIBLIOTECA
MONTEIRO LOBATO**

RUA PADRE ANCHIETA, 484
CX. P. 291 - TEL (0192) 75.4499
CEP 13.330 INDAIATUBA - SP

7.4.83



JH-VB.